

MANUJAK, R. "GYMNASIUM MUGOL MANUA: (SABUKS VII-XI)."
SAB PABU: GURUH PABUKA EOROU, 1977.

cidade, bem como os "Qoravsh do exterior", instalados na periferia, de menor importância política e comercial. Outros habitantes se aglomeravam no perímetro de Meca: eram os Khozaa, clientes (*maula*) das grandes famílias, estrangeiros admitidos mediante uma aliança (*balid*), e os protegidos temporários (*dhar*), muitas vezes beduínos.

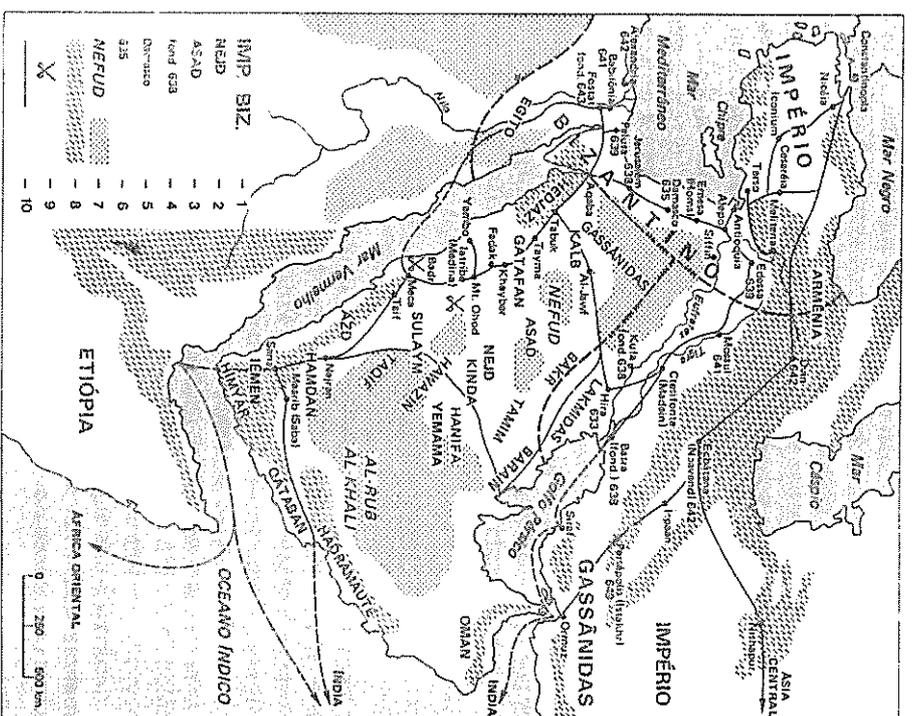
Os notáveis, os chefes de família eleitos, tinham assento no *malá*, que assumia a autoridade pública; todavia, cada clã conservava ampla autonomia. É incontestável, no entanto, que a aristocracia local impunha seu ponto de vista e decidia, nos principais problemas, na base de uma solidariedade de classe fundada na riqueza, experiência comercial, pertença aos clãs "superiores", entre os quais dominavam o de Hashim e de seu filho Abd al-Mortaiib, e o de Abd Shams e de seu filho Omeyya.

Destarte, em fins do século VI, a Arábia era um mundo menos isolado do que se supôs durante muito tempo, um mundo em vias de transformação, de evolução: uma certa tendência para a unidade se fazia sentir, tanto no domínio religioso, como no da organização comercial e política. Esta tendência, o profeta Maomé iria transformá-la numa realidade dinâmica.

B) MAOMÉ

A personalidade de Maomé suscitou uma série de obras, tanto laudatórias como violentamente críticas ou imparciais. De fato, como escreveu Claude Cahen, "em comparação com a maioria dos fundadores de religiões, Maomé se nos apresenta como uma personalidade de sólida historicidade. Isto não se conclui que se possa estabelecer uma biografia bem fundamentada de sua pessoa: ser o Coranitos elucida sobre a sua mensagem, seria vão interrogá-lo acerca de sua vida e de seu papel como chefe de Estado. Toda a nossa informação repousa nas *hadith*... que opõem numerosos obstáculos ao historiador: a crítica, álias de prática bastante difícil, não tem condições de transformar esse amontado de anedotas em uma fonte verdadeiramente clara. Por outra, como Maomé entrou em vida para a lenda, pertence tanto, se não mais, ao domínio da hagiografia como da História"²³.

Para tudo o que se relaciona com a genealogia e juventude de Maomé, só nos resta recorrer à tradição, por falta de dados históricos probatórios. O estudo das fontes sobre a vida de Maomé pode apoiar-se nas *hadith* (narrativas que formam a tradição muçulmana) reunidas na *Sira* de Ibn Ishaq (meados do século VIII), revista por Ibn Hisham (início do século IX)²⁴. Segundo esta tradição, Maomé pertencia à família dos banu hashim; seu avô, Abd al-Mot-



MAPA 1. A Arábia e o Oriente Próximo no tempo de Maomé e dos primeiros califas
 1. Espelha; 2. Reuão; 3. Tribos; 4. Data de fundação da cidade; 5. Cidade; 6. Data da conquista; 7. Destino; 8. Região montanhosa; 9. Batalha; 10. Principais rotas de comércio.

taib, personagem importante, era guardião da fonte de Zemzém e, por herança, ocupava um dos cargos principais da peregrinação a Meca, a *vizya*, ou distribuição de água aos peregrinos; ademais, ocupava-se do comércio com a Síria e o Iemen. Abd al-Mortaiib teve dez filhos, entre eles Abdallah, que se casou com Aminah bint Wahb, da qual teve um só filho, Maomé. Abdallah morreu em Iatrib, provavelmente antes do nascimento de Maomé, deixando

23 [61]. J. Sauvage, *Introduction*, 2ª edição, p. 120
 24 [135]. A. Guillaume, *The Life of Muhammad*

sua mulher em situação precária. A lenda muçulmana envolveu de eventos extraordinários a concepção do futuro profeta, a gravidez de Amina e o nascimento de Maomé.

O problema da data deste nascimento não está esclarecido. A cronologia da vida de Maomé é baseada na data de sua morte, que é conhecida: segunda-feira, *13 Rabi*, dia primeiro do ano 11 da hégira*, correspondente a 8 de junho de 632. Ora, segundo as fontes antigas do Islã, ele viveu dez anos em Medina e treze em Meca, após ter tido a revelação aos 40 anos de idade. Portanto, Maomé teria nascido em 569, mas os analistas situam seu nascimento no ano da expedição de Abraha contra Meca, ou seja, em 570, ou 571, o mais tardar²⁵.

Pouco se sabe da infância e adolescência do Profeta e, com o correr do tempo, as lendas se multiplicaram, dando dele uma imagem edificante. Todavia, os fatos seguintes podem ser considerados autênticos: Maomé perdeu a mãe quando tinha sete anos; foi então educado por Abd al-Muttalib, que faleceu dois anos mais tarde, após ter confiado a criança a um de seus filhos, Abud Talib, cujo próprio filho, Ali, foi primo e companheiro de juventude de Maomé, antes de tornar-se seu discípulo e genro.

A tradição coloca neste período de juventude algumas viagens de Maomé à Síria, aonde teria acompanhado Abu Talib; no decurso de uma dessas viagens teria havido o encontro de Maomé com um monge, Bahira, eremita na região de Bosra, que teria reconhecido as características ocultas que indicavam o alto destino da criança; Bahira teria igualmente declarado a Abu Talib: "volta com teu sobrinho para teu país e protege-o dos judeus, pois, se chegarem a vê-lo e dele souberem o que eu sei, tentarão prejudicá-lo". Alguns historiadores opinavam que foi numa dessas viagens à Síria que Maomé teria feito seus primeiros contatos com o cristianismo; no entanto, parece bem estranho que desses contatos não haja guardado mais lembranças e que suas alusões ao cristianismo estejam tão afastadas do que poderia ter visto ou entendido dessa religião. Isto até leva a supor bastante duvidosa a hipótese das viagens à Síria.

Nada mais se sabe da juventude do Profeta: nenhum detalhe se possui a respeito de sua formação, de sua cultura (parece que sabia ler e escrever), de suas práticas religiosas. Contudo, devia ter qualidades morais e intelectuais, porque, cerca dos 20 anos de idade, foi escolhido por Kadidja, viúva rica de Meca, como homem de confiança para acompanhar suas caravanas à Síria. Em seguida, Kadidja propôs casamento a Maomé, o que por ele foi aceito:

* Hégira — V. mais adiante, p. 63. (Rev.)
25 Sobre isto, cf. [130], M. Gaudelroy-Demombynes, *Mahomet*, p. 59.

naquela época tinha 25 anos de idade. Este casamento possibilitava a Maomé sair da pobreza, viver livre das necessidades materiais e tornar-se um personagem conceituado. A tradição deu de Kadidja uma imagem particularmente lisonjeira: ela foi uma esposa dedicada e sobrenodo a primeira adepta do Profeta ao qual deu sete filhos — três rapazes (que morreram todos em tenra idade) e quatro meninas. Kadidja é contada entre as quatro mulheres perfeitas da humanidade, ao lado de Maria, mãe de Jesus, da esposa de Farão e da irmã de Moisés.

Enquanto Kadidja viveu (ela morreu em 619), Maomé não teve outra mulher. Supõe-se que, até à revelação, ele continuou a tratar de assuntos comerciais e que talvez tenha feito algumas viagens. Em todo caso, beneficiou da consideração dos seus concidadãos, pelos quais teria sido alcunhado de *al-amin*, o homem seguro. Contudo, é provável que, apesar de seu êxito material, não estivesse satisfeito. Aquilo que veio a ser chamado de "o problema de Maomé" pode, em parte, resultar dessa insatisfação.

A REVELAÇÃO E O INÍCIO DA PREGAÇÃO²⁶

Sem abandonar por completo a atividade profissional, Maomé cada vez mais se entregou a retiros piedosos e a meditações; cada vez mais foi se sentindo chamado para uma missão profética. Teve esta revelação durante um retiro no monte Hira, numa gruta, onde o anjo Gabriel lhe ordenou pregar (cf. Corão XCVI) e anunciou que ele era "o apóstolo de Alá". Maomé precisou claramente que não estava possuído por um *djin**, mas que teve uma aparição celeste que viera lhe soprar ao ouvido as palavras de Alá. A doutrina muçulmana, por sua vez, supôs que ele teria recebido a influência divina sob duas formas: a revelação propriamente dita, *lanzil*, que é a Escritura, o Corão, trazida pelo anjo, e uma inspiração, *nabiyi*, *iman*, depositada diretamente por Deus no coração de seus profetas; esta lhes ensina a dirigir sua conduta e a de seus fiéis.

Desde o início (cerca de 610), Maomé confiou sua visão a Kadidja, que logo afirmou sua confiança na missão do esposo; nos três anos em que Maomé deixou de ouvir a voz de Deus e em que desesperou a ponto de querer cometer suicídio, Kadidja estava junto dele para acalmá-lo e restituir-lhe o entusiasmo. Nesses três anos, a missão foi revelada apenas a alguns íntimos: Kadidja, Ali,

26 [112]. Tor Andreæ, *Mahummed sa Via et sa Doctrina*: [117]. R. Blachère, *Introduction au Coran*: [129]. R. Blachère, *Le Problème de Mahomet*: [123]. E. Dermenghem, *La Vie de Mahomet*: [130]. M. Gaudelroy-Demombynes, *Mahomet*: [156]. M. Rodinson, *Mahomet*: [164]. W. Montgomery Watt, *Mahomet et La Mecque*.

* *Djin* ... nome dado pelos árabes aos espíritos inferiores aos anjos mas superiores aos homens. Há *djins* benéficos e maléficos. (Rev.)

Zayd (escravo libertado por ele e que se tornou seu filho adotivo), Abu Bekr, seu futuro sogro, e Otman, seu genro. Mais tarde, por volta de 613, Maomé resolveu comunicar a revelação aos seus concidadãos, começando pelos qorayshitas.

Como se sabe, esta revelação está contida no Corão. Neste, porém, as suras* não estão classificadas cronologicamente. Em vida, as palavras proferidas pelo Profeta eram anotadas em documentos de toda espécie, compilados sem ordem; foi no califado de Abu Bekr e sobretudo no de Otman que se estabeleceu o texto, considerado autêntico, da "revelação" (*Qur'an*). Não obstante alguns sábios muçulmanos terem fornecido indicações a respeito da cronologia aproximada de determinadas partes do Corão, foi preciso aguardar os estudos dos orientalistas europeus a fim de determinar os principais períodos da "revelação": entre esses trabalhos, o último e o melhor é a tradução de R. Blachère²⁷. Sabemos agora, portanto, quais foram os primeiros temas da pregação de Maomé. Na forma, ele se comporta como os *kabala* tradicionais, os adivinhos das tribos; mas o conteúdo é novo, embora não revolucionário. Antes de tudo, o Profeta insiste na bondade e no poder de Deus, criador do homem, fonte de toda vida; a mensagem parece admitir uma vaga crença em Deus, por parte dos ouvintes, e procura torná-la mais concreta. No entanto, inexiste qualquer menção da unicidade de Deus, qualquer denúncia da idolatria. Depois, seguem-se alusões ao Juízo Final: o homem será julgado, e recompensado ou punido; por fim, o homem tem o dever de ser grato a Deus, de adorá-lo; o ingrato (*kafir*) é assemelhado ao descrente; da mesma forma, é condenado o rico orgulhoso. Portanto, o indivíduo deve purificar-se, praticar atos de generosidade e ser submisso a Deus.

Ora, esta mensagem foi rejeitada pela grande maioria dos qorayshitas. Segundo Montgomery Watt, é preciso pensar que, durante os últimos cinquenta anos, o abismo entre ricos e pobres se ampliou. Prevalência a idéia de que apenas contavam os ricos e os influentes. Dai a perda do sentido comunitário. Os primeiros passos do Corão oferecem um remédio para tal situação: haurir na religião novas bases de solidariedade social; acentuaram-se os deveres de generosidade, o auxílio material aos pobres; o dinheiro devia deixar de ser um fator de divisão social. Por outro lado, não se encontra nenhuma indicação que exorque a possibilidade de voltar à antiga solidariedade tribal. Surgiu a consciência do "eu", enquanto indivíduo e deve ser aceita; o Juízo Final é essencialmente um julgamento dos indivíduos. No entanto, ao insistir nos atos de generosidade, o Corão faz reviver um aspecto do antigo ideal árabe; mas a antiga noção de *tazakki* (retidão) é substituída pela de *islam*

(submissão total a Deus). Ora, em razão do individualismo crescente que se instaurou em Meca e da primazia atribuída à fortuna material sobre a honra, há contradição com a pregação de Maomé: com efeito, o Corão estigmatiza esta confiança no dinheiro e faz dele o maior dos pecados dos qorayshitas, que leva o homem a esquecer e até negar sua dependência de Deus²⁸.

Por fim, é contestável que havia um constraste entre a pregação corânica e os velhos modos de pensamento árabe: se não tivesse sido assim, não se compreenderia o motivo da oposição violenta contra Maomé, a despeito da utilização de uma língua e forma literária condizentes com as concepções e a mentalidade dos árabes da época.

É interessante saber quais os primeiros convertidos fora do círculo de Maomé; para tanto, pode-se recorrer à relação dada por Ibn Ishaq, pois nela se mencionam nomes de personagens que, mais tarde, não desempenharam papel importante, enquanto a lista de Tabari parece ter sido elaborada em função do lugar posteriormente exercido pelos convertidos. Montgomery Watt e, por último, Maxime Rodinson²⁹ conseguiram determinar, para os primeiros muçulmanos, o clã ao qual pertenciam, bem como a sua posição social. Esses dados permitem as seguintes conclusões: os primeiros muçulmanos foram recrutados entre os jovens das famílias e dos clãs de maior influência em Meca, como Khalid ibn Saïd ibn al-Aç, do clã de Abd Shams, ou como Oman ibn Affan, futuro califa; em seguida, entre os membros dos clãs de menor importância, muitas vezes jovens, como Talha ibn Odayd Allah ou Abd al-Kaba; depois, entre indivíduos não pertencentes aos clãs qorayshitas, mas a eles filiados como contendedores; finalmente, entre escravos, dos quais o mais célebre foi o abissino Bilal. Em sua grande maioria, esses convertidos não tinham 40 anos de idade e pertenciam à classe média; a maior parte foi atraída pelo conteúdo religioso da mensagem e não por seus aspectos políticos ou econômicos, pois é este conteúdo mais importante, apesar de tudo, nas primeiras revelações.

No entanto, este conteúdo bastou para levantar contra Maomé a oposição dos qorayshitas, cada vez mais determinada. Nos primeiros tempos, estes acolheram a pregação com indulgência e ceticismo. Talvez alguns tenham feito propostas de conciliação ao Profeta, supondo que seu monoteísmo, ainda bastante vago, pudesse acomodar-se às suas divindades e, destarte, a reforma pretendida não vingasse. Mas Maomé rejeitou tais propostas, apesar dos versículos mencionando os deuses dos habitantes de Meca como intercessores perante Ala; esta concessão foi muito rapidamente anulada por Maomé, que compreendeu que, aceitando as propostas dos qorayshitas, teria compro-

* Capitulos do Corão, constituídos por versículos (*aya*). (Rev.)
27 [198], R. Blachère, *Le Coran*.

28 [196], W. Montgomery Watt, *Mahomet et La Mecque*, pp. 104-05.
29 [196], W. Montgomery Watt, *Mahomet et La Mecque*, pp. 117-228; [196], M. Rodinson, *Mahomet*, pp. 128-29.

meido a missão, que recebera de Deus. Doravante, toma claramente posição contra os ídolos e os idólatras, com isto atraindo sobre si a virgança dos habitantes de Meca, cuja situação religiosa e econômica ele ataca: se suas divindades fossem consideradas inferiores, isto ao mesmo tempo seria crítica a religião tradicional e comprometer as peregrinações e as receitas, que delas promanavam. E igualmente certo que os mais influentes dos qorayshtas não se conformaram com o fato de o privilégio de anunciar a revelação ter sido concedido não a um deles, mas a um homem que não pertencia às famílias dominantes (Corão XIII, 30).

Desses motivos todos resultaram, em primeiro lugar, a oposição dos qorayshtas, alegando alguns que, no fundo, Maomé não procurou outra coisa a não ser seus próprios interesses e poder, e depois a perseguição: tornou-se alvo de sarcasmos e injúrias, extensivos a seus seguidores, pelo menos quando se tratava de pessoas não apadrinhadas, ou que não pertenciam aos notáveis. Todavia, pessoalmente, Maomé não foi vítima de sevícias, pois seu clã, os banu hashim, no qual seu tio Abu Talib era muito influente, tomou-o sob a sua proteção, sem no entanto aderir ao Islã.

Parece que, por volta de 615, aumentaram as perseguições dos qorayshtas e que alguns recém-convertidos teriam vacilado em sua crença, chegando alguns a renegá-la. Maomé, então, aconselhou os espíritos menos fortes a abandonarem Meca e se refugiarem na Abissínia. W. Montgomery Watt quis ver nesta emigração um pretexto de Maomé para livrar-se de certos crentes cuja opinião divergia da sua, particularmente Otman ibn Mazun, que teria pretendido introduzir no Islã uma espécie de ascetismo não aprovado por Maomé³⁰. Talvez houvesse também rivalidades entre os fiéis, alguns dos quais não admitiam a importância conferida a Abu Bekr. Mas, de fato, não houve rompimento e os emigrados se reuniram mais tarde aos demais muçulmanos.

Pouco depois, a comunidade muçulmana de Meca tomou novo impulso com a adesão de Omar ibn al-Khattab (futuro califa), personagem conceituado por seu caráter decidido e cuja conversão deu forte alento aos crentes. Simultaneamente, a revelação continuava, acentuando-se cada vez mais a unicidade de Alá, divindade suprema, também chamado de *al-Rabman*, o Beneficor, Deus todo-poderoso, mas infinitamente bom, que recompensará os fiéis e punirá os ingratos (*kafir*). A ele os crentes deviam dirigir suas ações de graças (*galat*), expressas por um pequeno número de ritos e prosternações efetuadas então voltando-se para Jerusalém, como os judeus e os cristãos. Era pela prática da *galat* que os crentes se distinguiam dos demais habitantes de Meca, mas ainda não estavam organizados numa comunidade autêntica, embora se

qualificassem entre si de *muwmin* (fiel), e talvez já de *muwmin* (submisso), de onde veio o termo "muçulmano".

No ano de 619, em poucos dias, Maomé perdeu a esposa Kadidja e o tio Abu Talib. O desaparecimento de Abu Talib era uma grave perda, pois seu sucessor na liderança dos banu hashim foi Abu Lahab, adversário declarado de Maomé; desde então, as perseguições recrudesceram e o número dos muçulmanos deixou de aumentar.

Destituído com seus concidadãos, Maomé procurou então emigrar para outra cidade e buscar apoio junto às tribos nômades. Inicialmente pensou asilar-se em Taifa, cidade situada nas montanhas, no centro de uma região fresca e fértil, dominada pela tribo de Thaqif e onde os qorayshtas possuíam terras e moradias. No entanto, os notáveis de Taifa não lhe dispensaram acolhimento favorável. Voltou-se para as tribos nômades, tentando demonstrar-lhes como sua adesão ao Islã proporcionaria vantagem política; no entanto, para esses nômades, a noção de autoridade política tinha um sentido bem definido e imediato — a tomada do poder —, o que Maomé recusava, atribuindo toda a autoridade exclusivamente a Alá.

Depois, tentou a sorte em Yatrib, velha cidade situada em um oásis a 350 km ao norte de Meca, cuja população, de aproximadamente 3.000 habitantes, mais camponesa e menos comerciante que a de Meca, mantinha, contudo, relações contínuas com esta. Ali, três tribos-judaeias-arabizadas, os nadhir, qoraysza e gaynoga, haviam fixado domicílio em épocas passadas e a elas se reuniram duas tribos árabes iemenitas, os awz e khazradi; estas, depois de derrotarem as tribos judaicas, lutaram entre si e os awz saíram vitoriosos.

Em 620, Maomé encontrou-se com um grupo de seis homens da tribo dos khazradi, que ouviram sua prédica com entusiasmo. Esses seis homens converteram outros seis³¹ e os doze prestaram juramento de obediência a Maomé. Foram entabuladas negociações com vistas à emigração dos muçulmanos para Yatrib, enquanto as conversões nas duas tribos árabes se multiplicavam a ponto de, em junho de 622, em Ayaba, perto de Meca, 73 homens e duas mulheres prestarem juramento de obediência ao Profeta e assumirem o compromisso de lutar por ele, oferecendo-lhe acolhida em Yatrib. Este pacto foi confirmado por representantes dos moradores. Na Arábia antiga, o pacto de garantia era uma prática reconhecida, porém a este se acrescentou o fato de que surgia uma nova comunidade unida à de Meca pela religião, portanto para além das reuniões de tribos. A união dessas duas comunidades abriu o caminho para a constituição de uma única comunidade futura e, como Moisés, Maomé seria chefe de um povo.

Tendo assim um lugar de refúgio para seus fiéis, Maomé mandou partir de Meca uns sessenta muçulmanos, em pequenos grupos; alguns recusaram-se a deixar a cidade. O próprio Maomé e Abu Bekr foram os últimos a partir e chegaram a Qoba, perto de Yatrib, em 12 rabi primeiro, ou seja, em 24 de setembro de 622. Esta data é a da Hégira (ou mais precisamente, *bi'itra*,

³⁰ [56], M. Robinson, *Mahomet*, pp. 143-44.

emigração) que assinala uma nova era: considerava-se o seu início no primeiro mês daquele ano, no dia 1 *muḥarrém*, ou seja, 16 de julho de 622³¹.

Como escreve M. Rodinson, "em Meca, o homem Maomé nasceu, cresceu na pobreza e se tornou cidadão honrado. Depois, concebeu idéias que certo dia se concretizaram e que lhe voltaram sob a aparência e com a autoridade de uma voz do além. Anunciou essas idéias a seus concidadãos. Encontrou um grupo que as acolheu porque respondiam a seus anseios mais profundos. Primeiramente a necessidade de se evadir de uma sociedade de estruturas arcaicas, opressivas, injustas, sob novas condições decorrentes da evolução de uma sociedade incapaz de adaptar-se a elas... Pelo contrário, a despeito de sua disposição para o compromisso, os quadros da sociedade à qual Maomé se dirigia haviam-se recusado a mudar fosse o que fosse dos passos tradicionais de sua atividade e de seu pensamento. Por conseguinte, havia-se formado no seio da sociedade de Meca um grupo separatista que, participando das relações sociais gerais dessa sociedade, sem constituir ainda uma estrutura inteiramente isolada com organização própria, admitia, entretanto, todo um sistema diferente de valores. Não se conformava com as leis, os costumes, as decisões da cidade a não ser de modo provisório, condicional, pois a instância suprema era sempre a Palavra de Alá, pronunciada por seu Anunciador Maomé. Esse grupo tinha, portanto, vocação para formar uma comunidade, uma sociedade à parte, total, completa em si mesma e que obedeceria unicamente às suas próprias leis. Tal potencialidade começava a tornar-se realidade, pois o grupo se retirava em bloco de sua cidade de origem, indo fixar domicílio na cidade rival, onde, com os aderentes locais, viria a constituir uma comunidade de natureza já bem diversa"³².

C) MAOMÉ EM MEDINA³³

Quando Maomé fixou residência em Yatrib, teve início uma fase decisiva na vida do Profeta, em seu empenho de fazer triunfar a nova religião. A cidade de Yatrib, que doravante seria chamada de Madinat al-nabi (Medina, a cidade do Profeta), tornou-se a sede ativa de uma comunidade da qual Maomé era o chefe espiritual e temporal. Foi lá que se instituiu o primeiro local de oração próprio da comunidade, o *masjid* (mesquita), lugar de prostração, mas também de reunião. Foi ali, sobretudo, que Maomé organizou esta comunidade, base indispensável de todo progresso futuro: não se tratava mais de pregar apenas o Islamismo, mas convinha praticá-lo e transformá-lo em uma força.

31 [130]. M. Gaudetroy, *Demombyns, Mahomet*, p. 111.

32 [156]. M. Rodinson, *Mahomet*, pp. 177-78.

33 Sobre este parágrafo, vide especialmente [165]. W. Montgomery Watt, *Mahomet e Meina*.

Para Maomé, a primeira tarefa era a de reforçar sua posição em Medina e de promover a integração dos diversos grupos de homens que ali viviam em um todo ordenado. De fato, juntaram-se os crentes emigrados de Meca (*muḥajirun*), os de Yatrib, qualificados de ajudantes ou auxiliares (*anṣar*); além destes, os árabes reticentes, que dificilmente aceitavam obedecer a um estrangeiro, que se convertiam apenas externamente, prontos a mudar conforme as circunstâncias: eram os "hipócritas" (*munaḥiqun*), também chamados de "hesitantes". Restavam os judeus, dos quais inicialmente Maomé esperava que iriam juntar-se a seus fiéis: eis porque ele fez algumas concessões a seus hábitos, mantendo o da oração voltada para Jerusalém e adotando o jejum de 10 *muḥarrém* (*ashura*), imitando o *tishri* judeu.

As bases da organização da comunidade estavam registradas no Pacto, cujo texto, provavelmente autêntico, a tradição nos conservou³⁴. Nele está especificado que "os Crentes da tribo de qoraysh e os de Yatrib, bem como os que a ele se uniram e lutaram a seu lado, constituem uma comunidade (*umma*) única, distinta dos demais homens; são solidários uns dos outros. Os judeus formam uma única comunidade com os Crentes. Aquelos dos judeus que nos seguirem têm o direito à nossa ajuda e ao nosso apoio, enquanto não agirem incorretamente contra nós ou não prestarem auxílio a nossos inimigos contra nós". Fora disto, os judeus assumiam o compromisso de observar a concórdia, de respeitar a vida dos muçulmanos e, eventualmente, de participar da defesa do oásis. É interessante notar que Maomé incluiu também os pagãos na comunidade, esperando poder convertê-los e, no momento, impedi-los de se juntarem ao povo de Meca. A obrigação de pagar o prego de sangue foi imposta a todos os membros da comunidade. Todos deviam-se submeter à autoridade do Profeta; todos os litígios internos deviam ser levados à sua presença.

Este pacto regula, pois, as relações entre os crentes, bem como entre os diversos grupos; sua finalidade era prática, mas, ao mesmo tempo, esboçavam-se as primeiras linhas da constituição teocrática que, aos poucos, fez do Islã uma religião e um império. Na comunidade dos crentes, as velhas tradições tribais foram quase todas abolidas: quem infringisse o regulamento religioso perdia a proteção até de seu parente mais próximo. O Islã não devia ser somente uma religião, mas igualmente uma fraternidade. Contudo, foram consecradas algumas práticas pré-islâmicas, notadamente em matéria de propriedade, casamento e relações entre os membros de uma mesma tribo. Nesta comunidade, o papel de Maomé era o de intermediário de Alá, mas por este mesmo papel ele se vê conferir a fonte da autoridade em sua qualidade de apóstolo de Deus, autoridade essencialmente moral que os habitantes de

34 Vide a respeito [137]. M. Hamidullah, *Le Prophète de l'Islam*, t. I, pp. 124-26 e pp. 133-37.

Medina, sobretudo os mais fracos, aceitaram de bom grado, por desejarem a paz, mas igualmente por reconhecerem a sua preeminência. Por outro lado, as conversões se multiplicaram entre os árabes de Medina.

Contudo, houve oponentes. Em particular, os judeus sentiram que Maomé se afastava gradativamente das concepções e dos costumes judeus e que sua pregação se distanciava de seus Livros Sagrados. As tribos judaicas talvez nutrissem a esperança secreta de levar Maomé ao judaísmo, da mesma forma que ele esperava convertê-las ao Islã. A ruptura entre eles era fatal. Em fevereiro de 624 (data pouco segura), Maomé proclamou que a verdadeira fé era a de Abraão, construtor da Caaba, e que, doravante, para a oração, os fiéis deviam voltar-se para ela e não mais para Jerusalém. Destarte, o Profeta estabeleceu definitivamente sua independência religiosa com relação aos povos da Escritura, não admitindo mais desde agora outra interpretação da Palavra de Deus além da do Corão.

Ao lado dos problemas religiosos, surgiram logo os de ordem material. Entre os emigrantes, apenas uns poucos haviam conseguido levar de que viver; a grande maioria vivia na miséria. O único meio de vencer essas dificuldades materiais foi facilmente encontrado: o saque. Os analistas árabes interpretaram o fato apenas como uma guerra santa contra os inimigos de Alá. Na realidade, essas expedições parecem realmente atos de pilhagem, na tradição dos árabes pré-islâmicos. Aos olhos dos árabes, tais práticas engrandeceram o prestígio do Profeta e da *umma*, e obrigaram certas tribos a concluir um acordo com ele. Sobretudo permitiram sustentar contra Meca a atividade dos fiéis proporcionando-lhes o produto do saque. Além disso, Medina estava em posição geográfica privilegiada, na rota das caravanas de Meca para a Síria. Das facilidades de ação e uma ameaça que cada vez pesava mais sobre o comércio de Meca.

Assim se explicam os ataques contra as caravanas dos mercadores de Meca. Um desses ataques, levado a efeito em Nakhla, em *rajab* do ano 2 (janeiro de 624), teve consequências sérias por ter sido efetuado durante a trêgua dos meses sagrados da peregrinação a Meca. Um habitante de Meca foi morto. Diante da reprovação suscitada pelo ataque, Maomé respondeu com uma revelação (Corão III, 214): "Trão interrogar-te sobre a guerra no mês sagrado. Diz-lhes o seguinte: a guerra é então um pecado grave, mas desviar-se do caminho de Alá, não crer nele e na mesquita sagrada e de lá abjurar seu próprio povo é ainda pior aos olhos de Alá. O rompimento (*fitna*) é mais grave do que a matança". O combate travado perto do poço de Badr em março de 624, em que os *qorayshitas* tiveram mortos e prisioneiros, foi mais importante. Os prisioneiros, cidadãos de Meca, foram libertados contra resgate, e alguns deles se converteram; o produto do saque foi dividido na base de um quinto para o Profeta e o resto entre os combatentes da Medina. Esta ação de Badr foi o primeiro grande combate da comunidade muçulmana. Seu êxito

demonstrou que Alá estava com ela, e o prestígio de Maomé aumentou. Por outra, a revelação passou dali em diante a afetar também problemas práticos de governo e a partilha da presa de guerra. Maomé pregou abertamente uma religião nova, bem distinta da dos judeus e cristãos, e os *qorayshitas* foram designados infiéis.

Ademais, a vitória de Badr teve por consequência imediata uma ação contra os judeus de Medina. Estes não ocultavam sua hostilidade para com o Profeta e, provavelmente, mantinham relações secretas com os *qorayshitas*; sobretudo, possuíam terras e casas que faziam falta aos muçulmanos. Uma rixa serviu de pretexto para agir contra a tribo dos *banu qaynoqa*, a mais importante de Medina, aliada dos *khazradi*. Após breve sítio, os *qaynoqa* se renderam. Por intervenção do *sayyid* dos *khazradi*, sua vida foi poupada e tiveram permissão de deixar a cidade, abandonando seus bens, armas, terras, escravos e créditos. O espólio que lhes foi tomado proporcionou uma situação melhor aos emigrados. Em relação aos cristãos, Maomé manteve durante certo tempo sua atitude de solidariedade e até opôs o exemplo deles ao dos judeus. Aliás, eles eram pouco numerosos em Medina.

Em março de 625, os *qorayshitas* derrotaram os muçulmanos perto do Monte Ohod; mas os homens de Meca, comandados por Abu Sofyan, não se aproveitaram de sua vantagem, talvez para mostrar que agiam unicamente contra Maomé e os emigrados, e não contra o conjunto dos medinenses.

Em Medina, a situação do Profeta era crítica; judeus, pagãos e "hipócritas" se refizeram, mas a coesão de seus fiéis permitiu-lhes dominar a situação. Aos que duvidavam, a revelação fornecia uma resposta: "Não vos deixeis abater, não vos entristeçais. Vós sois superiores, pois sois crentes. Se fostes feridos, este povo também o foi. Os bons e os maus dias fazemo-los alternar entre a gente para que Alá conheça os fiéis e escolha entre vós suas testemunhas — Alá não gosta dos injustos —, para fazer brilhar os que creem e lançar na sombra os infiéis" (Corão III, 133-135). A fim de deixar bem claro que ele era o intérprete da única e verdadeira religião, Maomé multiplicou as ações contra os judeus, e os versículos da revelação testemunham que estes se desviaram do caminho traçado por Deus; os muçulmanos, de seu lado, receberam a verdade. Por isso, não se podia tolerar que os judeus continuassem a difundir o erro. A tribo judaica dos *banu nadhir*, comprometida com os *qorayshitas*, foi a vítima desta reação: teve de abandonar Medina e mudar-se para Khaybar, deixando bens e armas que foram distribuídos entre os emigrados.

Depois de Ohod, medinenses e *qorayshitas* esforçavam-se por ter a adesão das tribos beduínas do Hedjaz. Em Meca, Abu Sofyan reuniu uma grande coalizão e, em março de 627, marchou contra Medina. Ao saber disso, Maomé mandou abrir um fosso (*khandaq*), para a defesa da cidade; os guerreiros de Meca cercaram Medina sem êxito, a despeito do apelo feito aos

bannu gorayza para se juntarem a eles; Abu Sofyan e suas tropas retiraram-se, deixando a Maomé o benefício da vitória. Este decidiu então eliminar a última tribo judaica de Medina que, segundo o parecer de um árbitro, Sad ibn Moadh, foi condenada à exterminação total: os homens foram decapitados, as mulheres e crianças reduzidas à escravidão. Esta solução drástica suscitou uma reprovação geral. No entanto, convém enquadrá-la nos costumes da época e principalmente na situação especial dos emigrados, sempre temerosos de uma ameaça na retaguarda. Esta foi também a última das ações qualificadas de "defensivas" para os muçulmanos. Doravante, de 628 e 632, desenrola-se a fase "ofensiva".

D) OS ÚLTIMOS ANOS DE MAOMÉ E A EXPANSÃO MUÇULMANA NA ARÁBIA (628-632)

Ao adotar uma nova estratégia, Maomé organizava simultaneamente o jovem Estado muçulmano que, com a conquista de Meca e a adesão das tribos beduínas, constituiu o problema essencial a que ele se dedicou até sua morte, em 632, apoiando-se em revelações de caráter muito diferente das de Meca.

Após a ação do fosso, ele não procura atacar diretamente o povo de Meca, mas entraquece-lo entrando suas relações comerciais com a Síria. A despeito do que adianta Mohammed Hamdullah³⁵, é pouco provável que o Profeta tenha cogitado de obrigar os bizantinos e abissínicos a se converter ao islamismo; quando muito, se houve troca de epístolas com os dirigentes daqueles povos, pode-se conjecturar que Maomé tenha, sobretudo, procurado impedir que Meca recebesse qualquer ajuda deles contra si. As ações empreendidas contra os oásis do Norte, Dumat al-Djandal, Khaybar, Fadak, Tayma, foram bem mais positivas, pois permitiram controlar a rota das caravanas da Síria e estabelecer relações mais estreitas com as tribos instaladas nas imediações dessa rota; em sua maioria, eram tribos cristãs que geralmente se submetiam: em Khaybar, os judeus obtiveram a permissão de continuar em suas terras, com a condição de entregar aos muçulmanos metade de suas colheitas.

Pouco antes, em fevereiro de 628, Maomé resolveu fazer uma peregrinação a Meca. Para lá partiu com um grupo de fiéis e chegou até os limites do território sagrado; todavia, não pôde prosseguir, pois os gorayshitas haviam mobilizado suas forças. Emissários de ambos os lados lograram impedir a luta aberta, chegando mesmo a concluir uma trégua, a seguir um tratado de

paz (tratado de al-Hodaybiyya, de março de 628), estipulando que, se Maomé desistisse da peregrinação naquele ano, poderia, em compensação, voltar a Meca no ano seguinte e lá ficar por três dias; essa trégua era válida pelo prazo de dez anos. Apesar de mal recebido por certos muçulmanos, o acordo constituiu um sucesso para Maomé, com quem os gorayshitas trataram de igual para igual, considerando-o legítimo chefe de povo. Ademais, o acordo valeu-lhe numerosas conversões entre as tribos beduínas, como a dos bannu khazza. Em 629, a peregrinação chegou a concretizar-se, conforme convenção, na cidade temporariamente abandonada pelos gorayshitas.

Naquele período, a autoridade e o prestígio de Maomé aumentaram, valendo-lhe adesões importantes como as de Amr ibn al-Aç, futuro conquistador do Egito, e de Khalid ibn Walid, o melhor chefe militar dos gorayshitas. Encorajados, alguns neomuçulmanos, mormente beduínos, atacaram o território bizantino, com o aparente consentimento de Maomé: sofreram uma pesada derrota em Muta; tal revés, porém, em nada diminuiu o prestígio do Profeta entre os beduínos, que continuaram a se converter: por volta do começo de 630, quase todo o Hedjaz era muçulmano.

Os gorayshitas ficaram isolados e seu comércio periclitava. Alguns deles estavam dispostos a uma aproximação com os muçulmanos, talvez no intuito de salvar o que ainda pudessem, notadamente o papel de Meca como santuário dos árabes. Foram entabuladas negociações por dois chefes gorayshitas que, aliás, se converteram: Abbas, tio do Profeta e Abu Sofyan, o homem de maior influência em Meca. Em janeiro de 630, com o pretexto do assassinio de um muçulmano, Maomé rompeu a trégua de Hodaybiyya, reuniu um exército considerável (10.000 homens?) e marchou contra Meca. Abu Sofyan, então convertido, fez que o povo de Meca aceitasse as condições de Maomé: entrada livre em Meca para os muçulmanos, salvaguarda da vida e dos bens de todos os que não oferecessem resistência. Tais condições foram aceitas e, em 20 ramadã 8 (11 de janeiro de 630), Maomé e seu exército penetraram na cidade; ele se dirigiu à Caaba, em torno da qual deu sete voltas, tocou na Pedra Preta com seu bastão, mandou derrubar os ídolos lá erguidos e apagar os afrescos que representavam os profetas bíblicos, poupando apenas as imagens de Abraão, de Jesus e da Virgem. Declarou sagrado o recinto do santuário, cuja guarda confiou a Orman ibn Talha. Depois disso, libertou os habitantes de Meca, gesto compreensível, se se levar em conta o fato de que a cidade fora conquistada e, por conseguinte, sua população considerada cativa; concedeu o perdão a seus inimigos mais ferrenhos e mandou executar apenas quatro dos habitantes da cidade. Por fim, realizou-se a cerimônia do juramento (*bayat*), pela qual o povo de Meca jurou fidelidade e obediência ao Profeta.

Depois de passar quinze dias em Meca, Maomé retornou a Medina, tendo subjugado e convertido entretanto a poderosa tribo dos hawazin de Taifa, conversão essa seguida pela de outras frações da tribo dos thaqif.

35 [137]. M. Hamdullah, *Le Prophète* ... t. I, pp. 186 e ss., 208-09, 217 e ss.

É preciso notar que, no momento em que Maomé vencia os qorayshtas, o imperador bizantino Heráclio triunfava sobre os sassânidas de Ctesifonte, reafirmando a presença do cristianismo ortodoxo no Oriente Próximo e dirigindo-se a Jerusalém em grande peregrinação. O poderio persa desmoronava, deixando o campo livre aos muçulmanos na Arábia oriental e meridional; contudo, Bizâncio também saiu enfraquecida desta guerra, e as perseguições aos monofisistas contribuíram para reduzir ainda mais a autoridade do basileu na Síria, Palestina e no Egito.

O ano 9 da hégira (março de 630 a março de 631) marcou a união de numerosas tribos beduínas, sem que, no entanto, todas se convertessem ao islamismo; na Arábia do Sul, os chefes religiosos e civis da cidade cristã de Najira firmaram um tratado com o Profeta; o texto desse tratado (transmitido pela tradição e possivelmente autêntico) estipula que os cristãos de Najira ficavam sob a proteção dos muçulmanos e pagavam um tributo em espécie; era-lhes reconhecida a prática de sua religião. No Centro e Nordeste da Arábia, outras tribos mais ou menos cristianizadas pareciam ter aderido ao Islamismo após a derrota persa. Ao norte, Maomé encontrou apoio entre as tribos cristãs da fronteira bizantina, sem, no entanto, implantar o islamismo em país bizantino. Em fins de 630, anunciou uma grande expedição contra as tropas gregas, que estavam sendo reunidas pelo imperador Heráclio em Homs, na Síria. Teria realmente pretendido atacar os bizantinos? O fato é duvidoso. É mais provável que tenha procurado estabelecer um controle mais estreito sobre essa parte da Arábia. Finalmente, a expedição se resumiu a um avanço até Tabuk, nos limites do império bizantino, e à submissão de peguenos principados cristãos, como o de Yohanna de Ayla (João de Eilat), ou de cidades judaicas, como Jarba, Edhrol, na Transjordânia, e Magna, no litoral do Mar Vermelho.

O ano de 631 foi marcado também pelo *badjaj*, a grande peregrinação dos árabes do Hedjaz a Meca e adjacências (Arrafa, Mozdalifa). O Profeta não participou dela, mas enviou seu delegado, Ali, para ler uma revelação referente ao paganismo: nenhum descrente entrará no Paraíso, nenhum "associador" poderá doravante participar da peregrinação... (Corão IX, 3-5). Esta peregrinação de 631 foi a da transição entre as duas crenças antigas e a de 632, que terá a participação do Profeta e assinalará o triunfo do Islã.

Em dhu l-hidjja 10 (março de 632), Maomé fez peregrinação a Meca à frente de 90.000 (?) fiéis: era a peregrinação do adeus. Embora já estivesse doente, cumpriu todos os ritos, para que ficassem bem definidos, proferiu seu último sermão, no monte Árata, declarando sagrado o território de Meca, e também o mês da peregrinação, exortando os árabes a permanecer unidos depois dele, proclamando os direitos e deveres recíprocos dos esposos, a interdição de qualquer lucro proveniente da usura, a abolição da "vendetta" e fixando o ano em doze meses lunares. Em seguida, perguntou à multidão:

"Cumpri bem minha missão"? e recebeu a última revelação: "Hoje completei a vossa religião e vos concedi meu inteiro benefício. Aprovo o islamismo como religião para vós" (Corão V, 5).

De volta a Medina, o estado de saúde de Maomé agravou-se; não obstante, ordenou que se aprontasse uma expedição para o Norte (maio de 632); pouco depois, ficou de cama, permanecendo em casa de sua esposa-Aysha e confiando a Abu Bekr o cuidado de dirigir a oração. Faleceu segunda-feira, 13 rabi, dia primeiro do ano II (8 de junho de 632).

Com o desaparecimento do Profeta, a comunidade por ele criada estava ameaçada de dissolução. Os diversos grupos tenderam logo a retomar sua independência e seus antagonismos: os ançar de Medina tentaram libertar-se do jugo dos qorayshtas, que eles invejavam; ainda antes do sepultamento do Profeta, certas discussões levaram à luta os ançar e alguns qorayshtas advertidos da tentativa de secessão. Por fim, conseguiu-se um acordo em nome de Abu Bekr, homem prudente, moderado e inteligente e, além do mais, um dos primeiros companheiros de Maomé, designado substituto (*khalifa*, que deu "califa") do Enviado de Alá. Está designação, apoiada por Omar e Abu Obayda, foi feita em detrimento dos membros da família de Maomé: Ali, Abbas e alguns outros, que tinham poucos partidários em Medina. Por vários meses negaram seu reconhecimento a Abu Bekr, e esta aversão teria repercussões duradouras.

Quanto a Maomé, foi sepultado discretamente por Ali, Abbas e seus adeptos, evitando-se qualquer cerimônia em que Abu Bekr aparecesse em lugar de destaque. Posteriormente foi erguida a mesquita que guarda seu túmulo, objeto da veneração de todos os muçulmanos.

E) A RELOGIAO MUÇULMANNA E SUAS DISPOSICOES PRACTICAS

A nova religião pregada por Maomé era apenas uma religião: a partir da hégira, a revelação comporta disposições de caráter social e político, permitindo a edificação do Estado muçulmano; o próprio estilo da pregação mudou, tornando-se muito menos lírico, mais prosaico, adaptado muitas vezes às necessidades do momento. Maomé logrou impor as decisões de Alá não somente aos fiéis muçulmanos, mas a todos aqueles que lhe deram sua adesão, mesmo sem se converterem, pois ele era o *sayyid*, o chefe reconhecido e aceito. Mais tarde, após a morte do Profeta, quando se tratava de achar argumentos para impor uma decisão ou definir uma norma de governo para a qual o Corão não fornecia os elementos, recorreu-se à *sunná*, ou seja, ao conjunto de tradições (*badith*) recolhidas junto dos companheiros do Profeta. A biografia de Maomé (*sira*) contribuiu igualmente para esclarecer alguns pontos obscuros ou delicados.